

# A ESCOLA E O COTIDIANO NA FRONTEIRA SANTANA DO LIVRAMENTO – RIVERA

Gisele Santos Laitano\*

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho procuro investigar como as práticas cotidianas de professores fronteiriços envolvem o contato com o outro e ao mesmo tempo, como essas práticas perpassam na escola. Optei por realizar a investigação na fronteira entre Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), em função da singularidade da mesma, as quais formam “ciudades ‘pares de frontera’” (Schewitzer, 2000, p. 7).

## 2 DESENVOLVIMENTO

A metodologia usada foi entrevista com professoras brasileiras, a fim de captar tanto o cotidiano quanto a prática docente. As entrevistas foram realizadas em julho e depois retomadas em outubro de 2008 no município de Santana do Livramento e divididas em duas partes: na primeira parte, o questionamento foi sobre as práticas cotidianas de contato dessa professora com o outro/o Uruguai, suas percepções desse cotidiano e as mudanças percebidas ao longo do tempo; na segunda parte da entrevista, o questionamento foi sobre como a situação da fronteira, como um cotidiano adentrava na escola e na sala de aula.

O Quadro I revela os resultados obtidos com as entrevistas, o qual está organizado em ‘Temas da prática cotidiana na fronteira’, ‘A percepção apontada pelas entrevistadas’ e a ‘Análise’ dos mesmos.

Quadro I

Temas da prática cotidiana na fronteira	A percepção apontada pelas entrevistadas	Análise
<i>Relações de parentesco</i>	Presença das identidades nacionais.  Casamentos e namoros ocorrem entre mulheres brasileiras e homens uruguaios, o contrário é raro.	Laços de sangue e parentesco para além dos limites entre os Estados-nação.  Percebe-se uma narração sobre o outro, o Uruguai, enquanto características nacionais (conservadorismo, diversão e faixa etária, gênero), ao mesmo tempo que essa narração leva a formar uma idéia de Brasil e de brasileiro. Mas destaco que essa narração de si e do <i>outro</i> se dá pelo vivido em comum no cotidiano que ocorre nos

\* Professora de Geografia na Universidade de Caxias do Sul e na Rede Pública Municipal de Porto Alegre.

		dois lados do limite internacional, talvez aí mais uma característica dessa fronteira excepcional. Estas visões de si e do outro reforçam que a idéia que “para o santanense, o uruguaio reúne uma série de atributos considerados positivos e vinculados a modos de comportamento [...] delicados, educados, gentis” (SANHEZ, 2002, p. 138) e ilustram a autopercepção de que “o santanense é, para si mesmo, alegre, divertido, exagerado, moderno, elegante e liberal” (SANCHEZ, 2002, p. 140).
<i>Relações comerciais</i>	<p>Contrabando como constituinte da região; entretanto no passado era de gado e farinha e hoje é de drogas e armas.</p> <p>Oscilação de benefícios econômicos imediatos para a população em função do câmbio, com vantagens para os moradores que podem escolher de que lado do limite comprar.</p>	<p>Nesta região, o contrabando, em especial no passado é visto como algo natural, não recebendo sanções morais<sup>1</sup>.</p> <p>Práticas híbridas, resultado de múltiplos encontros e realizadas em função de suposições sobre o que é melhor comprar.</p>
<i>Lazer e diversão</i>	<p>Livramento: lugar para os jovens se divertirem.</p> <p>Rivera: lugar para as pessoas de mais idade se divertirem.</p> <p>Brasileiros vão à Rivera para jogarem nos cassinos.</p> <p>Carnaval é internacional, tanto</p>	<p>Micro-funções híbridas neste espaço fronteiro<sup>5</sup>.</p> <p>Processo de apropriação cultural, pois temos a lógica da escolha do que fazer no Uruguai, no caso, jogar jogos de azar em cassinos, pautada pela lógica da busca daquilo que é ilícito no Brasil e lícito no Uruguai.</p> <p>Identifico aí o carnaval como uma</p>

<sup>1</sup> Sanchez afirma que nesta região, o contrabando não receberia sanções morais da sociedade (2002, p. 75).

	<p>Livramento quanto Rivera tem murga<sup>2</sup> e curso. Em Livramento não há mais carnaval de clubes, há o desfile das escolas de samba que se deslocou do Parque Internacional<sup>3</sup> e da Sarandi<sup>4</sup> para um local longe do centro, em função da introdução dos trios elétricos e das brigas políticas. Em Rivera, tem muita cópia do carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo.</p>	<p>prática social híbrida, com acréscimos de práticas do outro país, com misturas e ao mesmo tempo são práticas sociais (ao menos no lado brasileiro) perpassadas pela política partidária.</p>
<p><i>Datas cívicas</i></p>	<p>7 de setembro, principal data cívica brasileira, nas escolas há apresentação de bandas escolares do Uruguai. Afirmam que as bandas escolares não existiam em Rivera e que os uruguaios copiaram-nas do Brasil e tocam música brasileira.</p> <p>20 de setembro, principal data cívica do Estado do Rio Grande do Sul, há a presença do Uruguai no desfile</p>	<p>Empréstimos culturais, adaptações e hibridismos.</p> <p>O <i>outro</i>, o Uruguai, se reinscreve na celebração, reforçando a idéia que se tem de <i>si</i>.</p>
	<p>Muitos adolescentes e jovens fazem o Liceu no Uruguai e o Ensino Médio no Brasil, principalmente para irem se adaptando com o idioma a fim de ingressarem numa faculdade no</p>	<p>Identificam-se estratégias de aceitação e acolhida dentro das instituições de ensino, onde a aprendizagem da língua materna é pilar, uma vez de que os sistemas de ensino se pautam nas línguas</p>

<sup>5</sup> A conceituação de espaço geográfico é a encontrada em Santos (1997), que nos diz que o espaço pode ser entendido enquanto uma totalidade em termos de estrutura, processo, função e forma.

<sup>2</sup> A murga consiste em uma manifestação da cultura popular típica do Uruguai no período do carnaval, também se refere a um ritmo musical e a uma agremiação. O curso é o desfile dos carros pelas ruas da cidade.

<sup>3</sup> Em parte do limite político entre Uruguai e Brasil, na parte central de Rivera e Livramento há uma grande praça binacional, chamada de Parque Internacional.

<sup>4</sup> A avenida Sarandi é a principal de Rivera e onde concentram-se o comércio dos free-shops. A continuação da avenida Sarandi em Livramento é a rua dos Andradas.

<p><i>Educação e cultura</i></p>	<p>lado brasileiro.</p> <p>Existência de curso de Língua Portuguesa em Rivera e de Língua Espanhola em Livramento.</p> <p>Sistema de ensino uruguaio percebido como mais tradicional.</p> <p>Professores uruguaio lecionam no Brasil, principalmente nas disciplinas de química, física, sociologia e filosofia, sendo que os Projetos Pedagógicos das escolas tiveram que se adequarem a essa situação. Não identificam diferenças pedagógicas no trabalho dos professores uruguaio, exceto na disciplina de filosofia, o que é creditado ao caráter essencialmente reflexivo da mesma. Alunos e professores brasileiros tendem a respeitarem mais os professores uruguaio.</p> <p>Falta intercâmbio entre as escolas brasileiras e uruguaio. A cultura é mais valorizada no Uruguai e às vezes, os uruguaio demonstram certa soberba em função disso. Em termos culturais, Livramento e Rivera apresentam problemas parecidos como os de preservação de prédios históricos.</p> <p>Prática docente envolvendo visitas à Estação Meteorológica de Rivera, pesquisas sobre a fronteira Brasil-Uruguai,</p>	<p>nacionais, mas ao mesmo tempo há a fala do dialeto portunhol<sup>6</sup> nessa região, identificado como fala típica da fronteira Livramento-Rivera. Logo, uma estratégia de ingresso nos sistemas de ensino formal dos países, mas que não impede a formação de uma linguagem nova.</p> <p>Tem-se aí semelhanças na prática docente (o mesmo tipo de trabalho feito por professores uruguaio e brasileiros), adaptações para contemplarem a interação cultural (os projeto político-pedagógico das escolas) e diferenças de práticas sociais (as práticas docentes na disciplina de filosofia), embora a advertência ao próprio caráter da filosofia sempre é possível transformar algo em alguma coisa crítica.</p> <p>É apontada uma diferença de qualidade entre Brasil e Uruguai, com vantagem para os últimos, mas em seguida esta vantagem é desfeita pela visão de que os problemas enfrentados pelos países são parecidos. Assim, desconstrói-se a vantagem e celebra-se a igualdade.</p> <p>Identifica-se o resguardo dos valores do Estado-nação, aí o <i>outro</i> é narrado como um outro Estado-nação, um igual, que não se</p>
----------------------------------	--	--

<sup>6</sup> Conforme Sanchez (2002, p. 87) e Chirico (1998, p. 90) o portunhol é a denominação popular do DPU – Dialectos Portugueses do Uruguai. Para Chirico, o uso cotidiano desse dialeto configura-se num processo de estrangeirização do Uruguai.

	envolvendo o Mercosul, intercâmbios esportivos entre as escolas de Livramento e Rivera.	hibridiza, que não se crioula. Essa análise é reforçada pelo relato de que em todas as datas e solenidades, tanto do lado brasileiro, quanto do lado uruguaio, sempre se tocam os dois hinos: do Brasil e do Uruguai, seja posse de prefeito, intendentes, festividades na Praça Internacional. Até mesmo passeatas ou caminhadas como a do Dia Internacional da Mulher ou a procissão de Corpus Christi, começam de um lado e terminam do outro lado do limite internacional. É um encontro entre iguais, com justaposição das culturas nacionais. Entretanto, essa justaposição apontaria uma configuração singular dessa fronteira.
<i>Propriedade privada</i>	Uruguaios compram terras no Brasil e brasileiros compram campo no Uruguai.	Na questão da valorização do capital percebe-se o ingresso de proprietários não nacionais na nação. Seria a circulação do capital uma das mais favorecidas nos contatos fronteiriços?
<i>Relações de trabalho</i>	Indicam que é mais fácil um uruguaio trabalhar no Brasil do que o contrário, em especial é muito difícil um médico ou um dentista brasileiro conseguir licença para o exercício profissional no Uruguai.	Neste aspecto tem-se um reforço da visão do Uruguai como um país sério e rígido e do Brasil, como um país mais flexível.
<i>Relações com o Uruguai</i>	De consumo, de estudo (a fim de fazerem cursos num sistema de ensino “que leva a pensar e é mais rígido quanto ao conhecimento”, uma vez de que no Brasil há mais desrespeito do aluno para com o professor), influências culturais (artes, música, etc) uruguaias em	Percebe-se a narração do Uruguai como um país mais sério e organizado na questão da educação e adiantado em termos culturais, que leva em conta a bagagem que o aluno tem e que esta forma de ser do Uruguai influencia positivamente nas práticas dos docentes no Brasil.

	Livramento, mas essa influência não chega à escola brasileira.	
<i>Fluxo de turistas brasileiros decorrente da desvalorização do Dólar frente ao Real</i>	Livramento fica com a hospedagem em hotéis e pousadas e em Rivera são realizadas as compras nos free shops. Os turistas brasileiros nem olham para o comércio de Livramento que é considerado um “comércio de turco”.	A expressão “comércio de turco” ou “loja de turco” é comumente ouvida em Livramento como algo pejorativo, onde são vendidos produtos de baixa qualidade. Tais lojas concentram-se ao longo da rua dos Andradas, no lado brasileiro e seus proprietários são árabes muçulmanos, daí a associação preconceituosa e equivocada entre árabe, muçulmano e turco, como se fossem equivalentes. A presença da comunidade muçulmana marca a paisagem de Livramento com duas mesquitas, uma delas na ‘linha’, ou seja, no limite internacional.
<i>Linguagem</i>	Brasileiros têm mais compreensão para ouvir e ler e dificuldade para escrever e falar. Os uruguaios apresentam dificuldades nas quatro habilidades (ler, ouvir, falar e escrever).	Quanto à linguagem há a percepção de que nessa questão da troca cultural, os brasileiros levam vantagem, pois teriam maior aptidão nas quatro habilidades da expressão de uma língua estrangeira do que os uruguaios. Mas essa vantagem não poderia expressar uma maior propensão da cultura brasileira de incorporar elementos estrangeiros, entre eles a linguagem acrescidos do favorecimento, apontado por Burke (2006), do local ser uma fronteira? <sup>7</sup>
	Aplicação dos métodos uruguaios nas escolas brasileiras quanto às questões de disciplina e respeito, pois entendem que no Uruguai há mais rigidez nesses aspectos.	Identifico um duplo papel social vivido de duas das entrevistadas, o de serem alunas no Uruguai e de serem professoras no Brasil, advindo da vivência de duas práticas sócio-espaciais. Tais práticas se interpenetram como

<sup>7</sup> É importante registrar que Sanchez (2002, p. 88) afirma que o bilinguismo é mais freqüente entre uruguaios do que entre brasileiros, e que este contexto da minha entrevista pode levar a entender o oposto. Porém, o ponto central neste texto é “a importância da língua como fenômeno social em muitas práticas cotidianas” (SANCHEZ, 2002, p. 128).

<p><i>Prática profissional das professoras</i></p>	<p>Todas as professoras entrevistadas eram membros do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul – Sindicato (CEPERGS), identificam um intercâmbio sindical, pelos contatos com os uruguaios na questão sindical, além de sempre haver um uruguaio na diretoria do núcleo do CEPERGS de Livramento. Na faculdade sempre há professores uruguaios e nas discussões da questão ambiental sempre há comissões que envolvem os dois lados. A área do Massoler<sup>8</sup>, contestada pelo Uruguai, tem uma escola municipal, mas as melhores estradas para se chegar à vila são</p>	<p>estratégias cotidianas do sujeito e das trocas culturais vivenciadas, são aceitações e adaptações. Aceita-se o que se identifica como o que falta no Brasil e existe com qualidade no Uruguai, ou seja, uma metodologia que leve o aluno a pensar, uma disciplina que implica em criação de ambiente de estudo na sala de aula, partir e levar em conta o que o aluno traz. Adapta-se a prática vivida como aluna num curso de artes na sua ação de professora em escola do sistema de ensino formal, justamente em partes frágeis do sistema (a disciplina). Portanto, identifico que “não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre os grupos, e sim, pelo contrário, um <i>continuum</i> cultural” (Burke, 2006, p. 14), no sentido do cotidiano, mas que nem por isso a escola abre mão de repassar os valores do Estado-nação.</p> <p>Demonstração de um cotidiano que envolve o eu (grupo de identidade, Brasil) e o outro (a alteridade, Uruguai).</p>
--	---	--

<sup>8</sup> Chirico (1998) informa que a área do Massoler é contestada pelo Uruguai, envolvendo 25 mil hectares.

	<p>pelas estradas uruguaias e no inverno, ai sim só se chega pelo Uruguai.</p>	
<p><i>Aprendizagens de morar nesta fronteira</i></p>	<p>Ver o modo de vida de um outro país; trabalhar sem restrições de até 100 km do limite internacional; a fala do Portunhol; a Língua Espanhola como possibilidade de estudo de Língua Estrangeira nas escolas públicas; a televisão que pega programas dos dois países, assistindo-se músicas e filmes do Uruguai; o contrabando que agora é de drogas e armas, inclusive com uma operação recente da Polícia Federal do Brasil.</p>	<p>Interpreto, a partir das entrevistas, que viver nessa fronteira leva aos seus moradores acolhida e tolerância em relação ao outro, mas é um outro que não é totalmente estranho, de certa forma estão enlaçados por sangue, pelo capital, pelas possibilidades de trabalho e aprendizagens realizadas nas redes de socialidades cotidianas onde os sujeitos inserem-se (sindicatos, lazer e divertimentos, escolas, trabalho, museus, cursos, etc), mas que também os diferencia e tem na escola uma separação institucionalizada. Os free-shops trazem benefícios aos dois lados do limite e a tolerância não é romantizada, pois passam por ali as redes internacionais do narcotráfico e do tráfico de armas, dentro de um enaltecimento e orgulho nacional institucional no Brasil atual, ou seja, o funcionamento da Polícia Federal como instituição que realiza seus objetivos. O Uruguai acompanha e se faz presente no cotidiano do brasileiro, onde o <i>eu</i> e o <i>outro</i> se misturam e se separam, clivados pelos interesses tecidos pelos poderes do Estado-nação, mas reunidos na conveniência das necessidades do cotidiano. Enfim, “estes limites são limites culturais ou simbólicos além do limite físico ou legal entre os Estados-nação que, nesta fronteira, vivem-se e negociam-se todos os dias” (SANCHEZ, 2002, p. 27).</p>



A partir da análise acima, apesar de haver um *continuum cultural* (Burke, 2006), nem por isso a escola abre mão de repassar os valores do Estado-nação, pois:

“Aqueles que vivem em fronteiras políticas ou, como preferimos dizer, os que vivem a fronteira política, enfrentam não só os controles físicos e legais do limite político entre dois ou mais Estados, mas também limites culturais e simbólicos, além do limite físico entre os Estados-nação.... As situações são *inusitadas*, porque são inesperadas e são *inevitáveis*, porque deveriam ser evitadas. (SANCHEZ, 2002, p. 55).

Esta perspectiva é acentuada quando a fronteira é espacialmente singular como a existente entre Livramento e Rivera. Para Bentancor (1998, p. 76), essa fronteira é especial, não só porque une duas cidades frente a um limite internacional, mas também porque é densamente povoada, constituindo um núcleo urbano de 160 mil habitantes, formando uma conurbação, um único centro urbano, onde é difícil encontrar diferenças como numa foto aérea ou numa fotografia. E:

“Um análisis más detallado de las características arquitectónicas nos muestra que a pesar de las diferencias de estilos, muchas construcciones fueron diseñadas por los mismos profesionales de una nacionalidad u otra, tanto en el caso del diseño arquitectónico como en la ejecución de obra (constructor)” (BENTANCOR, 1998, p.76).

Assim, essa vida urbana única, contribui para um cotidiano compartilhado, pois:

“a proximidade que interessa ao geógrafo – conforme já vimos- não se limita a uma mera definição das distâncias; ela tem a ver com a contigüidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações. (SANTOS, 1999, p.255).

E essa vida urbana única traz uma relação entre as pessoas no seu cotidiano, identificado como:

“Este ato, o ato de cruzar uma fronteira política internacional atravessando uma avenida, é tão simples, tão óbvio e tão cotidiano que muitas das investigações dedicadas ao estudo desta fronteira deixam de destacá-lo especificamente (a essencial importância deste ato é ocultada pela sua obviedade). Porém, este é um fato central, uma fronteira política internacional convertida física e esteticamente em uma avenida, que se cruza *como se fosse* uma avenida ou uma rua, mas que *não é*. (SANCHEZ, 2002, p. 17).

Logo, são laços culturais construídos num espaço singular, ou seja, na fronteira.

### 3 CONCLUSÃO

A escola e a escolarização se consolidaram na Europa e nos EUA ao longo do séc. XIX, dentro do contexto da consolidação do Estado-nação. Assim, a escolarização se revestiu de um caráter nacional. A escola, o serviço militar obrigatório, a definição de uma língua nacional, os livros didáticos e os jornais impressos nessa língua são os meios desta consolidação. À escola coube a função de contribuir para a construção do nacional através do ensino da língua nacional, da história dos heróis e da geografia do território nacional, assim:

“mais importante que o ensino da língua e das noções de aritmética, era fundamental a imposição de *determinados* valores. E aqui entrariam a história (*do vencedor*, isto é, a apologia cronológica dos heróis nacionais) e a geografia (*do lugar*, isto é, o discurso sobre o objeto)” (VLACH, 1989, p. 42)

Hall também chama a atenção para o fato de que a construção de uma cultura nacional passou a ser uma característica da industrialização e da modernidade, tendo como um dos seus pilares a escola:

“A formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional” (HALIL 2000, p. 49 e 50).

Assim, interpreto a partir da entrevistas realizadas que a escola permanece como um limite ao outro, como um espaço onde as vivências cotidianas que entrelaçam os habitantes de Santana do Livramento e Rivera, tem ali um impedimento de acontecerem. Aos professores entendo que realizam o jogo das identidades<sup>9</sup>, uma vez de vivem esse cotidiano fronteiro de entrelaçamentos entre os dois lados do limite, mas que na escola a identidade nacional se sobrepõem, e que o outro, quando entra na escola, é definitivamente demarcado enquanto um Estado-nação, o que reforça a visão que se tem de si. Destaco que a partir das entrevistas, os habitantes dessa fronteira realizam diversas estratégias a fim de compartilharem aquilo que socialmente é esperado como compartilhável (diversões, lazer, regras de comportamento) e de resguardarem o nacional naquilo que se espera que ele seja resguardado (no caso em foco, na escola). Há a entrada do outro na escola desde que não obscureça o nacional, como as visitas à Estação Meteorológica de Rivera, o uso de uma metodologia de ensino mais disciplinar e até mesmo a presença de professores de outra nacionalidade.

Cabe lembrar que a realização das entrevistas somente com professoras brasileiras provocou “a perda de uma visão provavelmente mais real da vida cotidiana da gente numa fronteira política” (SANCHEZ, 2002, p. 28) e que seria enriquecida com entrevistas com professores de nacionalidade diferente e que trabalham no outro país; entretanto, essa perspectiva extrapolaria as possibilidades de realização desse trabalho, mas ao mesmo tempo mantém abertas perspectivas de pesquisas futuras.

---

<sup>9</sup> A idéia do jogo das identidades é desenvolvida por Hall (2000) quando analisa que os processos de identidades/alteridades apontam para outras identidades que surgem atualmente “ ‘acima’ e ‘abaixo’ do nível do estado-nação” (p. 73) e de que as velhas identidades vinculadas à idéia de sujeito unificado construído pelo Humanismo Renascentista do século XVI e pelo Iluminismo do século XVII, onde a idéia da pessoa humana é de um indivíduo totalmente centrado, cedem espaço às novas identidades que surgem no mundo contemporâneo, relacionando-a com a idéia de um sujeito fragmentado e deslocado. Este sujeito fragmentado é construído historicamente e é “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (p.12), de modo que “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (p. 13). Marx, Freud, Saussure, Foucault e os movimentos sociais associados a 1968, em especial o feminismo, foram essenciais para o descentramento do chamado ‘sujeito cartesiano’. Também, Maffesoli (1987) fala que hoje o indivíduo não está restrito a uma só identidade, mas encontra-se participando de identificações sucessivas; como se para cada contexto que vive experimentasse uma identificação que não mantém relação de necessidade com sua vivência em outros contextos.

Enfim, esse compartilhamento cotidiano do espaço físico pelas populações de duas nacionalidades, possibilita pensar a fronteira Livramento – Rivera como lugar:

“No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade” (SANTOS, 1999, p. 258).

São populações que vivem entre os limites políticos e os limites simbólicos, entre a cooperação e o conflito, num jogo das identidades que antecede ao período em que intensificam-se os processos de globalização, evidenciando a hibridização do mundo e no caso em foco, uma tendência:

“a la construcción de nuevas identidades em las fronteras al interior del Mercosur se encuentran estrechamente relacionadas com la situación de la región fronteriza y com las modificaciones de las funciones que recaen sobre este limite, em la medida que dejan de cumplir el rol de obstáculo” (Schweitzer, 2000, p. 12).

Acredito que tais reflexões, embora centradas numa análise de escala local contribuem para pensar, conjuntamente com o Schweitzer (2000) aponta sobre o que permanece e o que se transforma nas fronteiras internas do Mercosul, aliando-se às reflexões sobre território, as reflexões sobre o lugar e o que é gerado pelo contato direto cotidiano e nas práticas escolares.

#### 4 BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. Frigorífico Armour: um empreendimento internacional na fronteira meridional. In: Strohaecker, Tânia Marques et al (orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998, p. 93-100.

BENTANCOR, Gladys. Rivera – Livramento: particularidades de una frontera. In: Strohaecker, Tânia Marques et al (orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998, p. 75-83.

BENTANCOR, Gladys, ANGELO, Rosa Inés. Abordaje de las fronteras desde um enfoque interdisciplinario – la cotidianeidad desde el espacio público. In: Strohaecker, Tânia Marques et al (orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998, p. 69-74.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

CHIRICO, Selva. Masoller: area contestada. In: Strohaecker, Tânia Marques et al (orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998, p. 85-92.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MAFFESOLLI, Michel. **O tempo das tribos; o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MOTTA, Valter et al. **Normas técnicas para apresentação de trabalhos científicos**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

SANCHEZ, Andréa Quadrelli. **A Fronteira Inevitável. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento.** Porto Alegre, 2002. 209f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, Milton. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo: razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHWEITZER, Alejandro. Quienes cambiam de siglo? Transformaciones y permanencias em las fronteras internas del Mercosur. Version ampliada del documento presentado em el 50 Congreso Internacional de Americanistas celebrado em Varsóvia los dias 10 al 14 de Julio de 2000, em el Simposio REG 4 – Las fronteras y las sociedades fronterizas em las Americas hacia el siglo XXI.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Ideologia do nacionalismo patriótico. In: Oliveira, Ariovaldo Umbelino de (orgs.) **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: contexto, 1989.